

Palestra do Guia Pathwork® nº 134
Palestra Não Editada
28 de maio de 1965

O CONCEITO DO MAL

Saudações, meus queridos amigos. Que esta palestra possa mais uma vez ser proveitosa e, portanto uma bênção para vocês. Que estas palavras iluminem e esclareçam as suas iniciativas na busca da liberação.

Hoje gostaria de falar sobre um tópico que só abordei indiretamente até agora. Trata-se do conceito do mal. A religião tradicional postula e implica que o mal é em si mesmo, uma força separada. De acordo com esse conceito, o homem precisa tomar uma decisão entre o bem e o mal. Algumas filosofias postulam que não existe o mal, que o mal é apenas uma ilusão sem existência real. Esse conceito é muitas vezes mal entendido, mesmo pelos próprios defensores dessa filosofia. A negação das manifestações do mal é uma ilusão tanto quanto a crença que o mal representa um aspecto separado do universo.

Gostaria de apresentar uma visão mais aprofundada desse conceito na palestra de hoje, que será extremamente proveitosa para todos aqueles que estão empenhados a fundo no processo do autoconhecimento.

O mal é, ou resulta do entorpecimento e da confusão sobre a execução do controle. Por que o mal é um entorpecimento? Se pensarem nos mecanismos de defesa que tantas vezes se vêem em funcionamento na psique humana, a ligação entre entorpecimento e mal ficará mais clara. A criança que se sente ferida, rejeitada, desamparadamente exposta à dor e à privação, encontra muitas vezes no entorpecimento dos sentimentos a única proteção contra o sofrimento. E muitas vezes, de maneira bastante real, ele é um mecanismo útil de proteção. O mesmo se aplica às circunstâncias de vida que a criança não consegue entender. Quando ela está confusa e percebe contradição e conflito, brotam em sua psique emoções igualmente contraditórias. A criança não consegue lidar com nenhuma delas. O entorpecimento também é uma proteção contra suas próprias respostas, impulsos e reações contraditórias. Nesses caso, pode até ser a salvação. Mas quando esse entorpecimento passa a ser uma segunda natureza e é mantido muito depois de as circunstâncias terem mudado, e quando a personalidade já não é uma criança desamparada, é na menor medida o início do mal, e é assim que o mal nasce.

O entorpecimento e a insensibilidade para com a própria dor, por sua vez, significam entorpecimento e insensibilidade equivalentes em relação aos outros. Ao examinar de perto suas reações, a pessoa muitas vezes observa que a primeira reação espontânea aos outros é um sentimento de solidariedade, compaixão ou empatia, uma participação da alma. Mas a segunda reação restringe esse fluxo de emoção. Parece que alguma coisa desperta em seu íntimo e diz não. O resultado é uma camada protetora de falta de sentimento. Nesse momento, a pessoa fica separada, aparentemente “segura”, mas separada. Mais tarde, isso pode ser exageradamente compensado com falso sentimentalismo.

lismo, dramatização, com solidariedade excessiva e inautêntica. Mas trata-se apenas de um substituto para o entorpecimento. O entorpecimento, instituído para a própria pessoa, continua necessariamente em relação aos outros, assim como toda atitude para o com o eu se estende forçosamente também aos outros.

Podemos distinguir três estágios de entorpecimento. Primeiramente, existe o entorpecimento para com o eu, como mecanismo de proteção. O segundo é o entorpecimento em relação aos outros. Nessa etapa, é uma atitude passiva de indiferença. Permite que a pessoa veja os outros sofrer sem sentir nenhuma angústia. Grande parte dos males do mundo tem origem nesse estado de espírito. Por ser menos flagrante, a longo prazo é mais prejudicial, pois a crueldade efetiva suscita reações contrárias mais rápidas. A indiferença passiva, no entanto, nascida do entorpecimento dos sentimentos, pode persistir por muito tempo e passar despercebida porque é muito fácil de ser camuflada. Ela permite à pessoa ceder a seus impulsos mais egoístas sem que isso seja detectado pelos outros. A indiferença pode não ser tão ativamente má quanto a crueldade explícita, mas a longo prazo é tão prejudicial quanto esta.

O terceiro estágio é a prática ativa da crueldade. Essa etapa é suscitada pelo medo dos outros, que parecem esperar tais atos, ou pela incapacidade de lidar com a raiva reprimida, ou por causa de um processo sutil de fortalecimento do mecanismo protetor de entorpecimento. À primeira vista, isso pode parecer incompreensível. Mas na reflexão profunda vocês vão constatar que o homem pode encontrar-se às vezes, quase inconscientemente, à beira de tomar uma decisão: “Ou cedo aos sentimentos de procurar a participação com o outro ou, para conter esse forte influxo de sentimentos calorosos, tenho que me comportar da maneira exatamente oposta.” No momento seguinte, esse pensamento desaparece, a decisão consciente é esquecida e o que permanece é uma força compulsiva para praticar atos cruéis.

Em todos esses casos, pode-se ver uma vez atrás da outra como todo dano, toda destrutividade, todo mal resultam da negação do eu real espontâneo, substituído por reações secundárias que, de uma forma ou de outra, estão sempre ligadas ao medo.

Com frequência há uma linha muito tênue e precária a dividir o entorpecimento passivo e a prática ativa da crueldade, em grande parte na dependência de circunstâncias aparentemente exteriores. Quando o homem entende esses processos, não apenas intelectualmente, mas em seu íntimo, ele está em condições adequadas de lidar com a crueldade do mundo, que com tanta frequência dá origem a desespero, dúvida e confusão em seu interior.

Quando a crueldade é praticada ativamente, trata-se de uma intensificação do processo de entorpecimento, que impede o influxo de sentimentos positivos espontâneos e também visa a afastar o medo e a culpa. O ato de infligir dor aos outros elimina ao mesmo tempo a capacidade de sentir do infligidor. Portanto, é um meio mais forte de obter o entorpecimento.

Existe sempre uma diferença entre a prática ativa – de indiferença ou crueldade – e a existência dessas tendências nas reações emocionais. Até a indiferença ou o entorpecimento podem não ser efetivamente postos em prática. É possível que uma pessoa tenha a sensação de não participação e de entorpecimento, mas não transforme isso em atos. Ela pode fazer tudo que puder para ajudar o outro – talvez até exagerar, como acontece muitas vezes, simplesmente porque no plano consciente não quer ser tão indiferente. O desejo de ferir os outros pode existir apenas como uma emoção, sem

jamais se transformar em atos. A culpa não faz distinção entre essas manifestações vitais e parece dizer que não faz diferença se a pessoa sente ou age de modo prejudicial e destrutivo. Portanto, toda a área problemática é negada, tirada da consciência, de maneira que não pode mais ser corrigida. Admitir, reconhecer, encarar uma emoção, por mais desagradável que seja, jamais prejudica o eu ou os outros e, no fim, fatalmente elimina a emoção. Confundir o impulso com o fato e, assim, negar ambos, tem como resultado uma profunda perturbação do eu e, portanto afeta indiretamente os outros, sem esperança de mudança enquanto o processo continua inconsciente.

A essa luz, fica claro que o entorpecimento, no limite e levado às últimas consequências lógicas, passa a ser crueldade ativa. A diferença entre os dois é apenas de grau. É extremamente importante, meus amigos, que vocês entendam isso. Aquele que fica mais chocado, atemorizado e incapaz de lidar com a crueldade existente no mundo, aquele que sofre mais por causa do simples conhecimento de sua existência, é invariavelmente a pessoa que, de alguma forma, se entorpeceu e sofre a culpa de suas consequências. Portanto, há uma correlação entre o entorpecimento de uma pessoa e sua atitude em relação aos aspectos maus da vida. Alguns ficam excessivamente acabrunhados, outros excessivamente sentimentais, outros ainda excessivamente duros e indiferentes à existência do mal. Sempre que houver uma reação exagerada a esse respeito, há uma ligação com o entorpecimento que, de alguma forma, se instalou na psique. Em determinada ocasião, ele parecia ser a única proteção disponível; mais tarde, foi mantido, inadvertidamente.

A segunda faceta do mal é a questão do controle. Em contextos diferentes, já discutimos esse tópico muitas vezes. Falamos da importância de renunciar a um controle muito rígido, e do não uso dos controles e poderes que a personalidade tem à sua disposição para viver uma vida rica e plena. O desequilíbrio que isso cria leva à rigidez onde deveria existir flexibilidade, e a uma perda irremediável do eu, onde deveria haver firmeza resistente. Esse desequilíbrio é causado sempre pela ignorância e falta de diferenciação entre o eu exterior e interior. Tudo isso já foi dito muitas vezes, mas nunca antes associamos esse aspecto à questão do mal.

Todo sofrimento ocorre por causa da impotência. Quanto maior a impotência, menos a personalidade consegue evitar a dor. A criança, pela própria natureza, é impotente, fraca, dependente. Portanto, o sofrimento que ela sente exige meios – como o processo de entorpecimento – para diminuir o efeito do que atinge a pequena personalidade, que não é capaz de fazer alguma coisa a respeito.

A impotência persiste no adulto cuja psique continua infantil ou imatura. Os pontos problemáticos da vida interior são sempre marcados por esse sentimento de total impotência que, no entanto está ausente das áreas saudáveis. É evidente que a impotência e a falta de controle têm grande relação entre si. Como a impotência provoca dor, a dor provoca entorpecimento, e o entorpecimento leva ao mal, fica claro que aquele desequilíbrio e falta de controle também estão associados ao mal.

Em escala mais ampla, a impotência é um dos mais problemáticos aspectos da humanidade. Muitas vezes se deixa de perceber a importância disso. O homem se sente impotente até mesmo em relação ao seu corpo. Há uma área considerável sobre a qual o homem tem controle. Essa área corresponde ao grau em que o homem já encontrou seu eu interior, ou eu real. Onde há distorção e o eu real está oculto da consciência externa, aí termina o controle. É nesse momento que o homem se sente impotente, fraco, temeroso.

A relação entre o corpo do homem, seus sentimentos e as circunstâncias de sua vida pessoal é a mesma do ponto de vista do controle. O homem exerce controle direto sobre algumas funções corporais. Movimenta seus músculos como quer. É capaz de determinar com seu eu exterior, ou ego, quando e como usar determinados controles musculares, como e quando movimentar-se. De fato, uma série de suas funções físicas estão sob o domínio direto da vontade exterior e não funcionam se a vontade exterior não for utilizada. Em resumo, todos os órgãos exteriores estão sob o controle direto do ego exterior.

Mas existe uma vasta área do corpo que a vontade exterior não influencia diretamente. Essas funções não estão sob o domínio da vontade interior. Elas funcionam perfeitamente sem qualquer ato deliberado ou decisão da vontade por parte do homem. Elas deixam de funcionar bem sem qualquer decisão aparente da vontade exterior do homem. As funções corporais internas não são regidas pelo controle externo. Isso é assustador para o homem, porque ele não entende o processo. Acha que não tem poder sobre uma imensa área de seu corpo, e parece, por assim dizer, estar à mercê de seu próprio corpo.

O mesmo se aplica aos processos psíquicos. O homem tem controle inegável sobre uma ampla área de seus atos, das palavras que emite, da escolha de seus pensamentos. Mas parece não ter controle algum sobre as reações emocionais espontâneas. Isso também pode ser muito assustador. Ele pode querer sentir uma coisa, mas não consegue. Pode detestar sentir outra emoção, mas é incapaz de impedir que isso aconteça. Da supressão à repressão, como todos vocês sabem, surgem compulsões estranhas e ainda mais inquietantes e como resultado o homem se sente ainda mais impotente, presa de sua própria personalidade. Mesmo que esses pensamentos não sejam colocados em palavras concisas, o fato se mantém de maneira que muitas vezes ele sente algo assim: “Se eu não tenho domínio nem sobre meu corpo e minhas reações e sentimentos, se dentro de mim parece estar em ação um poder assustador que eu não conheço e não sei como controlar, quão mais impotente devo me sentir em relação à vida como um todo?”

Na verdade, a correlação entre o eu e a vida é direta, como já expliquei muitas vezes e como é possível demonstrar repetidas vezes quando se chega a conhecer as áreas ocultas de cada um. O homem não tem nem mais nem menos controle sobre as faculdades do corpo interior e dos processos psíquicos do que sobre sua vida. Na medida em que ele encontra a chave dos processos interiores, na mesma medida ele encontra a chave das ocorrências aparentemente fortuitas que determinam sua vida.

O destino imprevisível parece controlar o corpo interior do homem, suas reações espontâneas e uma série de circunstâncias exteriores. Mas é verdade que o homem precisa estar separado de suas faculdades interiores? Ele de fato não tem controle algum sobre suas funções interiores? Ou é possível estabelecer uma ligação entre sua consciência e seu corpo interior, seus sentimentos espontâneos e sua vida?

Quanto à sua vida, existe a mesma relação descrita acima entre corpo e sentimentos. O homem possui controle direto sobre determinados acontecimentos. Sua vontade externa, direta, pode decidir alguns atos que, como ele sabe, fatalmente gerarão determinados efeitos. Se ele fizer uma determinada coisa, o efeito será necessariamente aquele. Mas depois, como acontece com o corpo e o mundo de seus sentimentos, vem uma área na qual esse controle direto imediato termina. Assim, as relações entre o corpo do homem, seu mundo interior de sentimentos e a vida exterior do homem

são as mesmas. Todas elas são divididas por uma linha que separa uma parte em que ele tem uma óbvia influência direta em influir sobre o rumo dos acontecimentos e os resultados e outra parte em que parece não ser assim, onde parece que está em ação uma força sobre a qual ele não tem nenhum domínio, que ele não entende e que, portanto, teme. Foi dessa ideia que um poder estranho, independente dele mesmo, atuando em seu interior, que surgiu o conceito de um Deus exterior – um Deus que é preciso aplacar e implorar. Descobrir a verdadeira natureza desse poder é a meta final do desenvolvimento espiritual do homem.

O espírito sabe que o destino do homem é descobrir a natureza desse poder e aplicar esse poder a seu destino. Mas essa mensagem, oriunda das profundezas do ser espiritual, muitas vezes só atinge as regiões externas da personalidade de uma maneira desfigurada, distorcida, por causa de todos os equívocos e confusões que existem. Ele luta para atingir esse fim, mas o faz da forma errada. Muitas vezes tenta fazer isso tencionando a vontade exterior e procurando afirmá-la com relação a áreas que não domina. Ele direciona mal a faculdade da vontade do ego exterior

Aqueles entre vocês, meus amigos, que nesses anos de esforço no caminho, atingiram estágios de crescimento, perceberam ocasionalmente que onde antes eram impotentes, absolutamente já não o são. Vocês não apenas descobriram poder, força, recursos e adequação para lidar adequadamente com a vida, qualidades que jamais sonharam que possuíam, mas também começaram a ver que parece estar em ação um controle remoto, que determina seu destino, as circunstâncias de sua vida exterior. Vocês percebem que o seu controle se amplia. Sentem que as áreas de não controle recuam. Essas áreas de controle recém-descobertas não estão sob o domínio do controle direto, mas funcionam por controle remoto.

A extensão do controle não acontece e não pode acontecer por meio de um rígido retesamento das forças do ego – da vontade, ou da mente, ou raciocínio, ou processos mentais. É, como eu disse, um processo indireto de controle remoto, que acaba eventualmente se transformando em controle direto. Em termos mais específicos, as faculdades do ego precisam ser usadas, mas não da maneira como normalmente tentavam fazer. Elas podem e devem ser usadas para diminuir a força da vontade exterior. A ideia de que a vontade exterior é onipotente precisa ser deixada de lado, e as faculdades exteriores precisam entregar-se aos cuidados do homem interior.

À primeira vista isso pode parecer confuso ou até contraditório, mas quando compreendido mais profundamente, vocês sem dúvida entenderão, mais uma vez, o processo desse trabalho que desenvolvemos aqui. Quando aprenderem a usar a mente sabendo que existe uma inteligência muito maior, à qual vocês têm acesso direto em seu interior – não uma divindade muito afastada, mas uma parte imediata e integrante de vocês – quando perceberem isso saberão que o que eu disse agora é verdade. Vocês vão ver primeiro, o controle remoto funcionando onde absolutamente não havia nenhuma intervenção, ligação ou controle. E no fim o controle remoto se transformará aos poucos em controle mais direto. A princípio, isso pode não passar de uma teoria que precisam comprovar com boa fé, disposição e abertura de espírito. Mais tarde, a teoria fatalmente se transformará em fatos, em realidade vivenciada.

Se quiserem exercer controle sobre áreas não acessíveis à vontade exterior – por exemplo, os processos corporais interiores – vocês vão se esforçar excessivamente, perder energia e se candidatar ao desapontamento e à frustração. No entanto, se entenderem que todos os processos interiores – corpo interior, sentimentos interiores e vida interior, manifestando-se na forma de destino que apa-

rentemente vem de fora – só podem ser regidos pelo homem interior, não desperdiçarão a valiosa energia do ego na direção errada. Em vez disso, vão usar a mente exterior para entrar em contato com o eu interior, para que este faça o que precisa ser feito. Quando perceberem isso, se manterão dentro dos limites do possível.

Pois bem, como pode ser ativado o eu interior? Ele não se ativa sozinho, pois reage apenas à consciência. Toda a sua consciência (exterior e interior) tem o poder de dirigir esse ser interior, com todos os seus maravilhosos recursos, sua inteligência e seu poder. Esse ser interior, por sua vez, tem domínio sobre os processos interiores. O homem não tem noção das possibilidades ilimitadas, que alcançam muito longe, muito além do que ele acredita ser a “lei natural”.

Quando isso é entendido, o verdadeiro sentido da vida, o verdadeiro sentido da meditação serão assimilados, vividos, experimentados. Não haverá mais problema ou confusão no uso das faculdades que não têm efeito ou domínio sobre as funções vitais. O que muitos deixam de perceber é que as limitações das faculdades exteriores do ego existem unicamente enquanto se ignora que essas mesmas faculdades precisam ser usadas com a finalidade de entrar em contato direto com o homem interior, que por sua vez assume a tarefa de acionar todas as faculdades interiores – corpo, sentimentos, destino aparente. A consciência exterior precisa ser usada para ativar a consciência interior. Apesar do enorme poder dessa última, ela responde apenas ao esforço direto e propositado da mente exterior. É nessa mediação que reside o que chamei de controle remoto.

Ele começa a funcionar cada vez mais, à medida que a personalidade elimina as distorções e equívocos arraigados na psique. São essas distorções que criam uma barreira entre a consciência exterior e interior. Mas à medida que a pessoa tem mais insights, ela vai adquirindo mais compreensão e, pouco a pouco, as atitudes destrutivas mudam, a cooperação entre o eu exterior e interior amplia as áreas de controle. A princípio, parece não passar de uma coincidência. De vez em quando, certas são outra vez postas em dúvidas, por causa de recaídas inevitáveis. Vocês sabem muito bem que o processo de crescimento não significa que os problemas desapareçam de uma assentada. Ele ocorre passo a passo. Sobram vestígios, que podem continuar a agir até todas as distorções desaparecerem. Depois disso, gradativamente, o que no passado era um destino aleatório, ao qual a pessoa estava sujeita sem poder fazer nada, sem ter nenhum controle, começa aos poucos a tornar-se, de maneira mais e mais visível, um processo de causa e efeito por controle remoto, ao contrário do controle direto das faculdades exteriores. E à medida que o desenvolvimento prossegue, o controle remoto se torna mais e mais direto. Depois, as faculdades interiores e exteriores se unificam. No decorrer do processo, o controle deixa de ser um problema – quando dispensar as faculdades do ego exterior, o excesso de controle rígido que precisa ser abandonado, e quando usar a vontade exterior da maneira apropriada.

Também deixa de ser necessário recorrer ao entorpecimento como maneira de lidar com a posição impotente à dor. Pois deixa de haver impotência.

Assim, queridíssimos amigos, a assimilação, a compreensão, o conhecimento e a experiência do que eu disse agora são de grande importância para todos, para o seu trabalho do caminho.

Querem fazer perguntas?

PERGUNTA: Eu gostaria de aplicar o que você disse a um problema meu. Eu acho que tenho a tendência a ficar muito acabrunhado com a crueldade que existe por aí. Voltando à infância, descobri que uma das minhas pseudossoluções é me retirar. Pois bem, quando me retiro, automaticamente retiro meu amor. Isso envolve culpa?

RESPOSTA: Sim, é verdade. Mas também há outros desdobramentos. Como expliquei nesta palestra, quando você retira o amor, você se entorpece. Esse entorpecimento, apesar de ser um escudo protetor na infância, contra a crueldade de fora, não impede a existência de emoções negativas na configuração interior, como raiva, medo, irritação. Essas emoções não podem ser entorpecidas, só podem ser escondidas. Isso, então, aumenta a culpa. Pois a pessoa sente, como se traduzisse o que está ocorrendo na personalidade: “Aqui estou eu, temendo a crueldade do exterior, sentindo a raiva e a indiferença do mundo. A injustiça dos outros se deve à insensibilidade deles em relação a mim. Por ter medo dessa injustiça, insensibilidade, indiferença, crueldade e raiva, eu me entorpeço tanto quanto eles.” A culpa expressa claramente que a pessoa ressentida nos outros aquilo que ela mesma se sente compelida a praticar, com base no equívoco de que uma tendência semelhante, embora disfarçada, é uma proteção. A psique diz: “eu me impeço de ter sentimentos de simpatia, de amor, a fim de me proteger. Apesar do efeito de entorpecimento de algumas emoções, não consigo entorpecer o ódio e a raiva que sinto.” Isso, então, aumenta a culpa.

PERGUNTA: As funções físicas que estão fora do nosso controle, é essa raiva, esse ódio, além da culpa, que geram a doença?

RESPOSTA: Naturalmente. Vamos colocar as coisas assim. Todas as emoções destrutivas que estão no inconsciente, ocultas, geram problemas, perigos, dificuldades, quer se manifestem no plano físico, emocional ou mental, ou na vida exterior da pessoa. É verdade que essas emoções negativas ocultas, como resultado de valores distorcidos e conceitos errados, geram a doença. Mas também é verdade afirmar que a ignorância do poder interior, a ignorância do fato de que o eu exterior pode recorrer ao eu interior, gera um estado de suportar impotentemente em vez de corrigir, curar, melhorar e impedir ocorrências negativas no futuro. Quando a pessoa acha que é uma vítima do destino, de poderes fora do seu controle, ela provavelmente deixará de ver os recursos mais evidentes e diretos.

O conhecimento de que o eu exterior e interior precisam cooperar para instaurar a ordem, a harmonia, a verdade e a realização permitirá à pessoa usar suas energias na direção certa. É o ser interior que gera, mantém e recupera a saúde. Ignorar sua presença e seu poder faz necessariamente do homem uma vítima impotente. É o ser interior que pode criar uma vida construtiva, na qual tudo que é preciso do exterior é dado, porque não existem barreiras interiores. É a pessoa interior que precisa ser contatada com as faculdades da vontade e da mente da pessoa exterior. Isso deve ser feito de maneira muito simples e direta. Mas o que atrapalha precisa ser eliminado. A eliminação também acontece mais depressa e com mais adequação quando é obtida a ajuda do ser interior.

Vamos terminar esta palestra com a seguinte sugestão de meditação. Vamos combinar os aspectos discutidos esta noite: controle através do ser interior e renúncia ao entorpecimento inconsciente. O modo de enfocar o relacionamento entre as faculdades do ego exterior da mente e vontade, e o ser interior, com a finalidade de eliminar o entorpecimento, poderia ser o seguinte: “Minhas faculdades diretas e exteriores de vontade não podem atingir as áreas em que entorpecí minhas faculdades de percepção, experiência, sentimento e sensibilidade. Assim, quero contatar o eu interior de

inteligência superior e poder maior que a mente exterior, para tomar os passos necessários e descongelar essas faculdades, fazê-las reviver para que eu me torne um ser humano pleno. Sempre que houver medo e equívoco a esse respeito, quero entendê-los para poder eliminar o que estiver atrapalhando. São as proibições inúteis que ainda não conheço muito bem que fazem com que eu esteja apenas parcialmente vivo. Quero ser totalmente vivo. Para que isso aconteça, entro em contato com o eu interior para que ele me ajude a eliminar os obstáculos, a trazer à consciência o que preciso saber para redespertar e viver em estado de realização, identidade e beleza.”

Vocês não precisam repetir exatamente essas palavras. Digam isso com suas próprias palavras, seu modo particular de verbalizar e expressar a essência desses pensamentos. Essa deve ser a abordagem, meus amigos.

Sejam abençoados, todos, no transcorrer do caminho. Que todos sintam a luz da verdade e o amor que a vida pode ser, se vocês assim decidirem. Quando derem os passos certos e construtivos para integrar o ser exterior e interior, estabelecendo contato ativo entre eles, a vida pode ser infinitamente mais do que poderiam desejar. A vida não é mais nem menos do que vocês deixarem que ela seja, o melhor ou o pior, ou os muitos matizes intermediários. A vida não é mais nem menos do que aquilo que a consciência de vocês expressar. Os limites para a sua realização, da mesma forma que os limites que vocês acreditam existir com relação ao controle, são totalmente arbitrários. Eles dependem das suas crenças. Na medida em que conhecerem o poder das suas faculdades inerentes, nessa mesma medida possuirão o mundo. Mas esses poderes inerentes residem na pessoa interior, e não no ego exterior.

A medida da realização das faculdades interiores depende da soma total da sua consciência, das suas crenças, dos seus conceitos, das suas expressões. Tudo isso, por sua vez, depende do grau de liberdade do ser interior para manifestar-se, ou da medida em que ele estiver obstruído. Quando vocês entorpecem os sentimentos, desativam o eu interior. Somente ele é capaz de unificar vocês e a vida, no melhor sentido do termo.

Fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.